



IRÃ EM CONVULSÃO

Prontos para a guerra

Chanceler iraniano admite estar preparado para um confronto com os Estados Unidos. Aiatolá Ali Khamenei denuncia ação de mercenários e elogia contraprotestos. Mortos em manifestações contra o regime chegam a 648 desde 28 de dezembro

» RODRIGO CRAVEIRO

O alerta foi feito pelo ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, enquanto a repressão aos protestos que se espalharam pelo país deixou mais de 600 mortos: "Não estamos buscando a guerra, mas estamos preparados para ela — ainda mais preparados do que a guerra anterior". Nos últimos dias, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, subiu o tom em relação ao regime teocrático islâmico dos aiatolás e prometeu uma resposta "muito forte" contra a matança de manifestantes. "O Irã está vislumbrando a liberdade, talvez como nunca antes. Os EUA estão prontos para ajudar", escreveu o republicano na plataforma Truth Social, no último sábado.

A Casa Branca anunciou, ontem, que não descarta ataques aéreos contra Teerã, mas que prefere a via diplomática. Ontem, Trump anunciou que pretende impor tarifas de 25% a qualquer país que comercialize com os iranianos. Os novos protestos no Irã começaram em 28 de dezembro, ancorados na demanda contra o aumento do custo de vida. Com o passar dos dias, ganharam o caráter de movimento de oposição aos aiatolás, que governam a nação desde 1979.

Apesar do bloqueio à internet imposto pelas autoridades, vídeos vazados de Teerã e de outras cidades mostraram grandes manifestações. Em outra gravação, cuja autenticidade foi comprovada pela agência de notícias France-Presse, dezenas de corpos cobertos com lençóis aparecem no pátio do Centro de Diagnóstico Forense e Laboratório da Província de Teerã, em Kahrizak.

Na contraofensiva, o aiatolá Ali Khamenei, guia supremo iraniano, elogiou o "grande trabalho" dos participantes de um suposto protesto pró-regime, ontem. "Essas grandes manifestações, repletas de determinação, frustraram o plano de inimigos estrangeiros, que seria executado por mercenários nacionais", afirmou, em publicação na rede social X. "Isso foi um aviso aos políticos norte-americanos para que interrompam suas falsidades e não confiem em mercenários traidores."

"Terroristas"

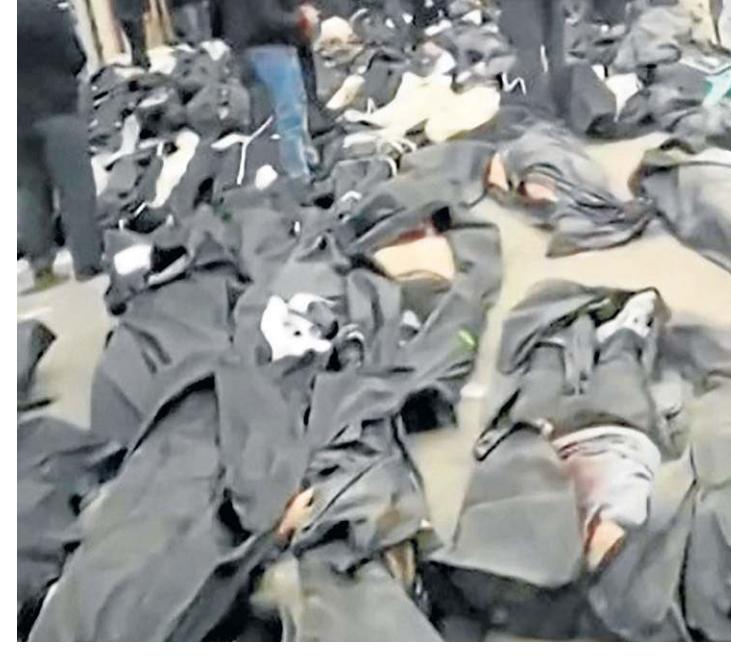
Os contraprotestos teriam reunido milhares de pessoas na Praça Engelab ("Revolução"), no coração de Teerã. O presidente do

Carlos Jasso/AFP



Manifestantes acendem cigarros em fotografia incendiada de Khamenei, durante ato em frente à Embaixada do Irã, em Londres

UGC / AFP



Corpos em pátio de necrotério em Kahrizak, na província de Teerã

Parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf, assegurou que o país enfrenta uma "guerra contra terroristas" em "quatro frentes": econômica, psicológica, militar e antiterrorismo — uma alusão aos manifestantes. Apesar da retórica belicista, a chancelaria do Irã abriu a comunicação entre Teerã

e o enviado dos EUA para o Oriente Médio, Steve Witkoff.

Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da organização não governamental Iran Human Rights (IHR), sediada na Noruega, admitiu ao *Correio* que o regime iraniano organizou manifestações de poder ontem. "Foram atos para uso

Palavra de especialista

Desequilíbrio político

"Os protestos que eclodiram nas ruas das principais cidades do Irã são, em realidade, o resultado de um severo desequilíbrio na organização política do país, causado pelas intervenções militares dos Estados Unidos sobre Israel, em junho de 2025. A intensidade e a escalada no uso da força pelo governo iraniano contra a população civil é terrível sintoma de uma crescente dificuldade em manter a imagem de força e respeito, que o regime dos aiatolás necessita para justificar e legitimar seu poder."

Do ponto de vista do direito internacional, vale ressaltar que o Irã



não ratificou uma série de convenções das Nações Unidas para a proteção dos direitos humanos. Há pouco o que se possa fazer para mitigar a escalada da violência. Independentemente das violações aos direitos humanos no passado recente do Irã, a Carta das Nações Unidas ainda reconhece a soberania do país." (Isabella Almeida)

IGOR NAVARRO, advogado especialista em direito internacional e negócios internacionais

interno, com o objetivo de propaganda. A acusação de que os Estados Unidos estariam por trás dessas manifestações.

Elas nada mais são do que as exigências de direitos fundamentais dos iranianos."

Amiry-Moghaddam explicou que a internet está completamente desativada no Irã. "As redes de dados de celulares também foram fechadas em

regime sabe disso. Nenhum país está por trás dessas manifestações.

Elas nada mais são do que as exi-

gências de direitos fundamentais

dos iranianos."

Amiry-Moghaddam explicou que a internet está completamente desat-

vada no Irã. "As redes de dados de celulares também foram fechadas em

muitos locais. Por isso, é muito difí-

lil uma verificação de fatos. Com ba-

se no que publicamos hoje, pelo me-

nos 648 pessoas foram assassinadas,

a maior parte depois de quinta-feira,

quando começou o bloqueio da in-

ternet", afirmou o ativista. "Também

há informações de que os números

podem chegar a vários milhares. Não

sabemos um cenário claro sobre o total

de mortos, mas são ao menos 648."

Ainda segundo o diretor da IHR,

a Guarda Revolucionária Iraniana

usou armamento pesado contra ci-

vis. "De um lado, temos cívis desar-

mados; de outro, a Guarda Revolu-

cionária, que derrubou a internet e

tem assassinado o máximo possível

de manifestantes", observou Amiry-

Moghaddam. "Menos que uma

grande mudança ocorra, interna ou

externamente, não é impossível que

os protestos sejam controlados dessa

vez. Mas, certamente, eles voltarão. A

Guarda Revolucionária foi quem sal-

vou Bashar Al-Assad, em 2011, ma-

tando milhares de pessoas. No en-

tanto, mais tarde, vimos o que oco-

reu. É questão de tempo até que a

república islâmica deixe de existir."

VENEZUELA

Persistem dúvidas sobre libertação de presos

Vatican Media/AFP



O papa Leão XIV recebe a líder opositora María Corina Machado

O governo chavista e a oposição seguem divergindo publicamente em torno do número de presos políticos libertados na Venezuela desde a operação militar pela qual os Estados Unidos bombardearam alvos militares no país, capturaram o presidente Nicolás Maduro, no primeiro sábado deste ano, e o levaram preso com destino a Nova York, para ser julgado por crimes relacionados a "narcoterrorismo".

As autoridades venezuelanas con-

tabilizam 116 contemplados desde

quinta-feira passada, sendo 24 na

madrugada de ontem, enquanto a

oposição alega que teriam saído do

cárcele apenas 41, cifra que in-

clui os últimos beneficiados. Entre

eles estão dois cidadãos italianos.

Organizações pró-direitos hu-

manos sustentam que haveria no

país de 800 a 1.200 pessoas presas

supostamente por delitos de opinião.

Boa parte foi detida na repres-

são às manifestações de julho de

2024 contra a reeleição de Maduro

— denunciada como fraudulenta e não reconhecida por vários países, inclusive o Brasil. O regime, de sua parte, sustenta que se trataria de acusados de vandalismo, violência e tentativas de rebelião.

O presidente dos EUA, Donald Trump, saudou a libertação dos presos venezuelanos como resposta à ação contra Maduro. Desde a captura de Maduro, Trump afirma que está "no controle" da

Operação

Trump deverá receber na próxi-

ma quinta-feira a líder opositora ve-

nezuelana María Corina Machado,

que se encontra na Europa desde

dezembro, quando burlou a vigilâ-

cia policial, com ajuda dos EUA, via-

jou à Noruega para receber o prêmio

Nobel da Paz. Na semana passada,

o presidente se disse "ansioso" pa-

ra encontrar María Corina, embora

tenha descartado, inicialmen-

te, a ideia de entregar a ela — ou a

seu grupo político — o governo do

país. "É uma mulher muito simpá-

tica, mas não conta com respeito e

apoio no país", declarou. A oposi-

cista dedicou a Trump o prêmio e se

propôs a entregá-lo ao aliado, mas o

Comitê Nobel esclareceu que a trans-

ferência não é possível.

María Corina foi recebida ontem em audiência privada pelo pa-

pa Leão XIV, de acordo com um co-

municado da Santa Sé. Em mensa-

gem enviada na sexta-feira ao cor-

po diplomático acreditado no Va-

ticanato, o papa, que é norte-ame-

ricano, pediu para "seja respeitada

a vontade do povo venezuelano e

que sejam preservados os direitos hu-

manos e civis de todos".